



Observações sobre a juventude e a contracultura na contemporaneidade¹

Rodrigo Bomfim OLIVEIRA²

Eliana Cristina Paula Tenório de ALBUQUERQUE³

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA e

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

Resumo

Discutir o papel da juventude enquanto atores sociais importantes da contracultura dos anos 1960-1970 e as suas reverberações na contemporaneidade é o objetivo desse trabalho. Para isso, observa o protagonismo das culturas juvenis e as performances adotadas pelos jovens na atualidade e faz uma breve revisão sócio-histórica e cultural do processo de formação das identidades juvenis, evidenciando características complexas deste campo de pesquisa. Como suporte, recorre aos estudos históricos de Philippe Ariès e sociológicos de Michel Maffesoli, além das pesquisas empreendidas pelo psicanalista Joel Birman, entre outros.

Palavras-chave: contracultura; juventude; contemporaneidade; culturas juvenis

Introdução

A contracultura⁴ foi um movimento encabeçado, em sua maioria, por jovens e, talvez por isso, foi palco privilegiado por onde transitaram comportamentos afinados com as idéias de rebeldia, transgressão, transição, imprudência, liberdade, etc., que se tornaram predicativos comuns à juventude. Embalados pelo desencanto do pós-guerra e muitas vezes vistos como alienados, os jovens colocaram em pauta temas como: valorização da natureza; vida comunitária; luta pela paz (contra as guerras, conflitos e qualquer tipo de repressão); vegetarianismo: busca de uma alimentação natural; respeito às minorias raciais e culturais; experiência com drogas psicodélicas; liberdade nos relacionamentos

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do Curso de Comunicação da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e doutorando do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia (UFBA), email: ro.bomfim@gmail.com.

³ Professora do Curso de Comunicação da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e doutoranda do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia (UFBA), email: nanealbuquerque@hotmail.com.

⁴ Surgida nos Estados Unidos na década de 1960, a contracultura pode ser entendida como um movimento de contestação de caráter social e cultural. Nasceu e ganhou força, principalmente entre os jovens desta década, seguindo pelas décadas posteriores até os dias atuais.



sexuais e amorosos; anticonsumismo; aproximação das práticas religiosas orientais, principalmente do budismo; entre outros.

Tais comportamentos, mesmo observados principalmente nas décadas de 60-70, têm reverberações nas práticas sócio-culturais e econômicas da contemporaneidade, inclusive no Brasil, onde vários movimentos estéticos, como a Tropicália, sofreram sua influência direta.

Por isso, neste artigo, interessa-nos entender a contracultura historicamente localizada e materialmente articulada por sujeitos sociais concretos, condicionados por seu entorno social, político e econômico. Em especial, o movimento que desponta nos anos 1960 e 1970, partindo de regiões ocidentais industrializadas (principalmente Estados Unidos e Europa) e influenciando outros pontos do planeta pelas vias da indústria cultural.

Releva-se aqui, portanto, uma reflexão em torno da construção social sobre a juventude, seu protagonismo enquanto ator social importante da contracultura e os ecos dessas práticas na contemporaneidade. Para tanto, investiremos numa contextualização histórica do referido movimento nos EUA, suas adaptações no Brasil e suas reverberações nas práticas sócio-culturais na contemporaneidade, época de extrema fluidez identitária e de reconfigurações de demandas sociais.

Cultura das idades da vida

Pesquisas que se debruçam sobre a juventude são mais ou menos recentes nas ciências sociais brasileiras, ao menos os que se dedicam a abordar o tema para além de questões etárias, ou que tratem a juventude de forma não-homogênea. Elas começaram a despertar o interesse de estudiosos de diversos segmentos na década de 1920 do século passado, mas a maioria dos estudos realizados até então expressavam interesse em aspectos desenvolvimentista e/ou maturacional, de corte biologicista ou psicologizante.

A problemática em questão, a juventude na contemporaneidade e seu processo de plasmação na vida social/simbólica, caracteriza-se pela multiplicidade de temas possíveis e complexidade conceitual. Trata-se de um emaranhado de (multi) visões e leituras, além de apresentar uma cartografia plural, imprecisa e difusa. Devemos, entretanto, para efeito de recorte para o supracitado artigo, fazer escolhas que delinearão uma linha de raciocínio. Interessa-nos, desta forma, apresentar uma visão mais clássica e estática de juventude, caracterizada por uma temporalidade delimitada, perpassando,



assim, para as formas de subjetivação das culturas juvenis decorrentes das mudanças sócio-culturais no mundo hodierno.

Desde o marco da Sociologia da juventude norte-americana surgida na década de 1920, as pesquisas acadêmicas já têm quase um século de tradição sobre o tema. É necessário afirmar que não existe apenas uma juventude e uma cultura juvenil, mas várias, que diferem segundo condições sociais, históricas, culturais e econômicas específicas.

No Brasil podemos identificar esforços no sentido de consolidar uma trajetória de estudos relacionados à juventude e práticas culturais⁵. Nesse contexto desenvolvem-se estudos que articulam a juventude aos aspectos de seu consumo cultural e constituição de grupos identitários diversos; a apropriação das novas tecnologias e ressignificação do uso dos meios de comunicação; e também, pesquisas centradas na representação da juventude, ou do jovem, em produtos midiáticos-massivos (filmes, novelas, seriados, mini-séries, etc), muitas vezes norteadas pelo viés da contracultura.

Não é objetivo deste texto, entretanto, fazer análise de conteúdo de produções simbólicas que representam jovens, mas sim, constatar o protagonismo dos sujeitos jovens no nascedouro da contracultura, como já se disse, e suas reverberações na atualidade. Por isso utilizaremos o método de revisão de literatura, que melhor pode articular os conceitos norteadores de nosso trabalho.

A juventude, portanto, é uma categoria social que remete a uma série de conceitos em nossa sociedade (tais como rebeldia, imaturidade, imprudência, liberdade...), deve ser entendida em suas especificidades, já que é vivenciada de diferentes maneiras e de acordo com as relações nas quais os jovens mesmos estão imersos, além de sua situação econômica, seu papel dentro da própria família, gênero, etc.

Para Catani e Gilioli (2008), podemos perceber a categoria juventude ao menos conforme dois registros. Os sujeitos ou grupos sociais⁶ podem se auto-identificar como jovens ou portadores de uma cultura juvenil, ou podem ser identificados como tais por instituições como: família, Estado, mídia. Algumas vezes para que se construam políticas públicas pro jovens ou representando as culturas juvenis e seus símbolos, como o faz o cinema e a televisão, por exemplo.

⁵ Vale destacar alguns pesquisadores com percurso teórico relacionado à cultura juvenil como João Freire Filho, Veneza Mayora Ronsini, Silvia Borelli, entre outros.

⁶ Quando nos referirmos neste texto aos termos *sujeito*, *subjetividade* e suas variantes, o fazemos inspirados nas reflexões de Michel Foucault sobre os processos de subjetivação.



Segundo o historiador Philippe Áries (1981), as noções de infância e o “sentimento de família” teriam surgido em decorrência das relações no âmbito das sociedades modernas, durante a passagem do feudalismo para o capitalismo, num processo de mais de três séculos. Também a criação de escolas, instituições de educação e socialização de crianças demandou uma normalização, inclusive etária, dos indivíduos.

Ainda em discussão com o historiador francês (*Idem*), ele mostra a correspondência entre a história da educação e a cronologização das idades, separando a infância do mundo adulto como um período de adestramento e disciplina. Este processo, que teria início no século XV e se estenderia por três séculos, comportaria a passagem da simples sala de aula ao colégio moderno, instituição que agrega, para além das funções de ensino, a de vigilância e enquadramento da juventude, promovendo paulatinamente o sentimento das idades.

Em decorrência do modo de vida particular das instituições de ensino “a juventude escolar foi separada do resto da sociedade, que continuava fiel à mistura das idades, dos sexos e das condições sociais” (1981 p. 170).

Verificamos como marca desse modelo teórico, certo naturalismo e determinismo etário e biológico, além de fixidez sócio-cultural, ou seja, os sujeitos estariam fadados a certo percurso de vida pré-determinado socialmente e biologicamente, compreendendo assim, “(...) referentes sociais e institucionais bastante precisos, que lhes dava a devida consistência, sem os quais aqueles períodos da existência seriam efetivamente intangíveis”⁷.

Desta forma, a infância seria sucedida pela adolescência e pela idade adulta que desembocariam para a velhice e a morte. No entanto, percebemos que a temporalidade da juventude se alterou de maneira substantiva no mundo contemporâneo, seja evidenciada pelas inscrições identitárias de toda ordem, seja pelas relações de poder e empoderamento⁸ representados, entre outros setores no cinema brasileiro contemporâneo. Ou seja, há um trânsito de complexificação dos processos de subjetivação dos sujeitos.

Portanto, como nos alerta Borelli (2000), as vertentes históricas e universais sobre a juventude não podem ser vistas de forma polarizada. É importante a compreensão das

⁷ BIRMAN, Joel. **Tatuando o desamparo**: a juventude na atualidade. Disponível em: <http://www.eposgsv.org/tatuando.pdf> Acessado em 27.11.2010.

⁸ FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Luiz Neves (Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.



diferenças, dos segmentos, variáveis, de classe, etnia, gênero, nível de escolaridade, capazes de mapear as especificidades dos jovens em diferentes momentos e lugares da história.

Juventude e Contracultura: contextos de um protagonismo

Antes de tudo, devemos considerar que a contracultura se manifesta em qualquer época histórica⁹. Os autores Goffman e Joy (2007), assinalam a existência de rebeldes contraculturais míticos desde o mito de Prometeu à cultura digital, considerando Jesus, Sócrates e Abraão como personagens contraculturais. No entanto, como já evidenciado acima, para este texto pretendemos nos ater à relevância social da juventude dos anos 1960 e 1970, em colocar na agenda várias questões ligadas à liberdade em uma época marcada por grandes conflitos e mobilizações sociais.

Havia uma ebulição cultural de proporções planetárias que não será possível tratar em sua amplitude necessária nesse texto, pois como nos informa os autores,

de certo ponto de vista, a contracultura parece ser um desafio à própria noção de história. Para os que se rebelam contra a tradição, os exploradores que buscam novos territórios conceituais e (em alguns casos) os defensores do Eterno Agora, a história parece ser, na melhor das hipóteses, exóticas e, na pior, o inimigo.. No final das contas, o conceito ocidental de história como uma narrativa continuada, definida basicamente por grandes líderes, estruturas sociais variáveis e as mutáveis fronteiras entre nações-estado antagônicas parece que quase explicitamente projetado para nos amarrar a uma visão hegemônica do potencial (muito limitado) da humanidade. Nesse contexto, o registro histórico conspira para nos convencer de que o predomínio de comportamento não-contraculturais, como conformismo e autoritarismo, é o que define a humanidade. Algumas vezes somos tentados a dizer que na verdade, aqueles que *recordam* a história são condenados a repeti-la. (GOFFMAN E JOY, 2007, p. 45, grifo do autor).

Podemos verificar um tom sarcástico e indagador dos autores no questionamento de se interpretar a contracultura através de uma abordagem teleológica de história. Complicado partir desse pressuposto, pois os contextos, práticas e demandas, foram consideravelmente diversificadas em várias partes do mundo, inclusive no país onde os próprios autores centram sua discussão, os EUA. Trata-se de uma nação hegemônica do

⁹ GOFFMAN, Ken & JOY, Dan. *Contracultura através dos tempos: do mito de Prometeu à cultura digital*. Introdução de Timothy Leary. Tradução de Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.



ponto de vista político, econômico e sócio-cultural, que naquele momento estava em Guerra e numa política incessante de exportação do *American Way of Life*¹⁰, através de um emaranhado de produções simbólicas, sobretudo o cinema e a música.

Dentro do processo de urbanização e incremento de bens de consumo, que ajudou a forjar a idéia de juventude, ganha força uma bipolarização ideológica através dos discursos e práticas em torno da Guerra Fria. Ou seja, os anos 60 do século XX, “foram marcados, nacional e internacionalmente, pelo radicalismo, um dos reflexos da bipolarização política que dividia o mundo, desde os fins da Segunda Guerra Mundial, em países que, apoiavam os EUA e os que apoiavam a URSS” (CAPELLARI, 2007, p. 15).

Contudo, essa visão bipartida de mundo não contemplava a complexidade que emergia na juventude daquela época, questionava o modo de vida, propondo uma nova estética, novas roupas, novo comportamento, novas atitudes. Do "flower power" dos hippies à "imaginação no poder" das ruas de Paris, passando pelos *Black Panthers*, a juventude (operários e estudantes) elaborou diferentes níveis de sua perspectiva de mudança social e de libertação.

Conforme Hobsbawm (2005), dentre os sujeitos sociais que emergiam com muita força no contexto de 1960 destacando-se nas lutas a favor da liberdade e transformando a paisagem cultural em profundidade da época, eram os jovens estudantes. O historiador britânico frisa que o ano de 1968 foi um divisor de águas e culminou simbolicamente em transformações sociais sem precedentes, sobretudo a partir da revolução educacional, ou seja, um considerável contingente de estudantes universitários que surgiam com pensamento crítico que abalava as estruturas de governos autoritários vigentes em várias partes.

Podemos constatar, portanto, que “na segunda metade do século XX a juventude no Ocidente passa a desempenhar um papel social, cultural e político sem precedentes na história. Podemos mesmo ter muitas dúvidas quanto às razões deste fenômeno, mas não quanto a este fato” (ALMEIDA, 2010, p. 31). Do ponto de vista cultural, por exemplo, tendo como referência o apanhado sobre contracultura da já citada obra de Goffman e Joy (2007 *op.cit.*), houve um avanço da indústria cultural ao mesmo tempo em que os jovens buscavam experiências rebeldes e alternativas, como o existencialismo de Sartre

¹⁰ Procedimento ideológico pautado pelo consumo. O crescimento industrial, tecnológico, e outras formas de ganho e mais ganho levava os estadunidenses a consumir mais e mais, o que foi o "american way of life" de consumir mais, devido à estabilidade geral. Consumir, na época, era um ato de patriotismo: ajudava os EUA a crescer.



e Camus, os beatniks, os junkies, os punks dos anos 1950 e 1960, os hippies, as peças de Samuel Beckett, a pop arte, o rock'n'roll, o rhythm'n'blues, o cinema novo (seja brasileiro, a nouvelle vague, o cinema italiano, Bergman e o cinema japonês), entre outras.

No decorrer do texto evidenciaremos as reverberações das primeiras gerações da contracultura, tendo como marco simbólico e recorte metodológico os anos 1960 e 1970, nas práticas culturais juvenis na contemporaneidade.

Afeto, juventude e contemporaneidade: novos mapas

Nestor García Canclini (2005), em sua obra *Diferentes, Desiguais e Desconectados*, aponta para o problema de se perguntar o que é ser jovem hoje do ponto de vista geracional, pedagógico ou disciplinar. Trata-se de uma averiguação incipiente/reutora e que deve ser pautada no sentido intercultural do tempo.

Em outra obra, sobre a questão identitária, o pensador afirma que a identidade é uma construção que se narra. Considera-se que a identidade cultural seja criada, retomada, redimensionada e dinamizada em diferentes circuitos de produção, desde os espaços de interação face a face e de transmissão oral de saberes e experiências, até o domínio das mensagens midiáticas, a qual se inscreve o cinema.

Nesse contexto, Barbero (2008) destaca a tênue relação entre os conectados e os excluídos nas paisagens urbanas da América Latina, cujas sensibilidades respondem as alternativas de sociabilidade que permeiam suas atitudes políticas, culturais e gostos estéticos. O autor ainda credita às culturas audiovisuais e às tecnologias digitais o papel preponderante de consumo da vida cotidiana juvenil e as configurações de imaginários onde os jovens vêm a si mesmos e na transformação de seus modos de estar juntos.

Desse modo, as culturas juvenis na contemporaneidade são notoriamente performativas porque na realidade, “os jovens nem sempre se enquadram nas culturas prescritivas que a sociedade lhes impõe” (PAIS, 2006, p. 07). Ora, voltemos aos anos 60/70 quando a cultura normativa - leia-se dominante - também queria enquadrar a juventude, ou seja, o aspecto performativo sempre existiu, porém na atualidade as demandas sociais, práticas culturais e espaços performativos se apresentam diferenciados.

Ao colocar em discussão o protagonismo juvenil na contracultura e suas reverberações contemporâneas, remonta-se ao paradoxo da “crise de identidade” proposto por Hall (2004). O sujeito é constantemente influenciado por outras identidades no processo de construção de sua identidade. Ele não é um sujeito unificado, pelo contrário, recebe



influência dos vários sujeitos com quem ele interage. Esse processo é impulsionado pela globalização, que reordena a noção espaço-tempo, conectando e integrando comunidades em dimensão global e em grande velocidade. Assim, pode-se perceber como as interações atuam no sentido de definir as fronteiras de cada comunidade.

Na concepção de Maffesoli (1987), um caminho para a compreensão das novas relações sociais pode estar no que ele denomina neo-tribalismo.

[...] como a faculdade comum de sentir, de experimentar [...] Não podemos deixar de assinalar a eflorescência e a eferescência do neo-tribalismo que, sob as mais diversas formas, recusa reconhecer-se em qualquer projeto político, não se inscreve em nenhuma finalidade e tem como única razão de ser a preocupação com um presente vivido coletivamente. (MAFFESOLI, 1987, p. 105)

Nos casos destas relações mais fugazes, a opção recai sobre a noção de tribos, proposta pelo autor, na qual uma abordagem estética, do cotidiano comum, surge como resposta a uma lógica moderna da identidade, quando se pensa a idéia de uma época pós-moderna onde o cotidiano e o estar-junto passam a ter relevância nas análises dos cenários culturais atuais.

Dentro desse aspecto performativo das culturas juvenis, podemos perceber ecos reinventados e altamente influenciados pela contracultura no contexto articulado acima, quer sejam nas novas formas de sociabilidade, singularidades estéticas, movimentos coletivos, novas marcas corporais ou comportamentos de risco. Além disso, vale destacar o importante papel da *web* como lócus privilegiado de articulação de poder/saber dos sujeitos jovens na atualidade.

Se pensarmos em temáticas tributárias à contracultura e que estão na agenda política, econômica e sócio-cultural na contemporaneidade, podemos destacar: comércio justo (amplamente difundida por bandas de Rock com as britânicas *Coldplay* e *Radiohead*), alimentação saudável/ natural (pauta recorrente nos meios de comunicação) e o amor livre; entre outros, sendo este último reinventado em novas cartografias subjetivas, formas de sociabilidade e afetividade contemporâneas.

No contexto de 60/70, “uma parcela significativa da juventude passou a viver novos ideais, rompendo com padrões culturais e aderindo a um novo *modus vivendi*, concebido como libertário e batizado como contracultural”(CAPELLARI, *op.cit*, p. 2007). No que tange ao amor livre, havia uma relação com a libertação do corpo feminino restrito a



procriação a partir do advento da pílula e a discordância com o amparo legal, ou seja, contrário ao casamento formal ou restrito a monogamia e a heteronormatividade.

O que estamos chamando de re-invenção em novas cartografias subjetivas tem a ver com a velocidade e efemeridade intensas das novas formas de experiência social e afetiva, trata-se, enfim, das práticas do “zoar” ou “ficar” que se apresentam como emblemáticas de novas configurações do mundo subjetivo. Não é intenção deste trabalho aprofundar essas questões a partir de dados empíricos, através de uma pesquisa de campo. Outrossim, evidenciar a correlação dessas práticas como contraculturais.

Dentro desse contexto atual podemos frisar os avanços tecnológicos, sobretudo, no âmbito da mídia eletrônica que vêm dando origem a processos de aceleração, pulverização e misturas de experiências que atingem os sujeitos de modo complexo, e, muitas vezes, desestabilizador. Os *hippies*, que pregavam “paz e amor”, foram contemporâneos dos jovens que se envolveram em ações armadas para contestar as ditaduras latino-americanas. E o que dizer dos dias de hoje?

Em linhas gerais há a tendência de caracterizar a juventude por meio de grandes traços que permitam certos veredictos conclusivos, o que não é nossa intenção nos apontamentos aqui discorridos. Como houve predicados/rótulos recorrentes aos jovens da contracultura do contexto 60/70, não é diferente com a juventude na atualidade. Consumista, conservadora, individualista, alienada, e apática são alguns exemplos de como o senso comum e até mesmo certos espaços acadêmicos prevalecem imagens negativas da juventude contemporânea. Entretanto, em cada tempo e lugar são muitas as juventudes, e entre elas sempre existem adesões ao estabelecido e territórios de resistências e de criatividade. É o que ocorre também aos jovens de hoje.

Algumas considerações

A partir da reflexão acima apresentada percebemos o protagonismo da juventude e suas práticas culturais no seio da chamada contracultura. Vale salientar que os anos 60/70 foram particularmente importantes em termos de visibilidade, ação social e política da juventude. Foi nesse período que ela passa a ganhar maior visibilidade, exatamente pelo engajamento de jovens de classe média, do ensino secundário e universitário, na luta contra o regime autoritário através de mobilizações de entidades estudantis e do engajamento nos partidos de esquerda; mas também, pelos movimentos culturais que



questionavam os padrões de comportamento — sexuais, morais, na relação com a propriedade e o consumo.

Ainda dentro desse contexto vale à pena destacar que tais pleitos da juventude encontram respostas violentas de defesa da Ordem de regimes autoritários, sobretudo, em toda a América Latina, onde os jovens foram perseguidos pelos aparelhos repressivos, tanto pelo comportamento (o uso de drogas, o modo de se vestir etc) como por suas idéias e ações políticas.

Por fim, o presente texto pretende evidenciar, de alguma forma e num âmbito preliminar, alguns ecos da contracultura imanados nos idos das décadas de 60/70 e na atualidade. O que nos interessou ressaltar foi o fato de que embora existissem ontem e existem hoje pequenas parcelas de jovens envolvidos na militância nos espaços tradicionais da vida política, a contracultura se reconfigurou como já foi dito acima, são outras demandas sociais, outros contextos, pois enquanto houver uma cultura, haverá contracultura – este fenômeno “perene, provavelmente tão velho quanto a civilização e tão velho quanto a própria cultura” (LEARY, 2006, p. 10). E dentro das possibilidades e práticas contraculturais, a juventude desempenhará seu papel.

Referências

- ALMEIDA, Armando. **A contracultura e a política que o Ilê Aiyê inaugura**: relações de poder na contemporaneidade. (Tese de doutorado) – Salvador, UFBA: 2010, 176 p.
- ÀRIES, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BIRMAN, Joel. **Tatuando o desamparo**: a juventude na atualidade. Disponível em: <http://www.eposgsv.org/tatuando.pdf> Acessado em 27.11.2010.
- BORELLI, Sílvia H.S. **Cenários juvenis, adultescências, juvenilizações**: a propósito de Harry Potter. In. BORELLI, Sílvia H. S. e FILHO, JOÃO FREIRE (Orgs.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo, EDUC, 2008.
- CATANI, Afrânio e GILIOLI, Renato. **Culturas juvenis**: múltiplos olhares. São Paulo, UNESP, 2008.
- CANCLINI, Nestor García. **Diferentes, desiguais, desconectados**. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2005.
- CAPELLARI, Marcos Alexandre. **O discurso da contracultura no Brasil**: o underground através de Luís Carlos Maciel. (tese de doutorado). São Paulo, USP, 2007. 256 p.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Luiz Neves (Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.



GOFFMAN, Ken e JOY, Dan. **Contracultura através dos tempos**: do mito de prometeu à cultura digital. Introdução de Timothy Leary; tradução de Alexandre Martins. – Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Touro. 9.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HOBSBAWM, Eric. J. **A era dos extremos**: o breve século XX, 1914-1991. 2ª Ed. 30ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **A mudança na percepção da juventude**: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre jovens *In*: BORELLI, Sílvia H. S. e FILHO, João Freire, **Culturas Juvenis no século XXI**. São Paulo, EDUC, 2008.

PAIS, José Machado. **Buscas de si**: expressividades e identidades juvenis *In*: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de e EUGÊNIO, Fernanda (Orgs.). **Culturas Jovens**: novos mapas de afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

RONSINI, Veneza Mayora. **Mercadores de sentido: consumo de mídia e identidades juvenis**. Porto Alegre: Sulina, 2007.